Biblioteca
Virtualbooks

QUASE MINISTRO

MACHADO DE ASSIS

QUASE MINISTRO

Sobre a Comédia

Esta comédia foi expressamente escrita para ser representada em um sarau literário e artístico dado a 22 de novembro do ano passado (1862), em casa de alguns amigos na rua da Quitanda.
Os cavalheiros que se encarregaram dos diversos papéis foram os Srs. Moraes Tavares, Manoel de Mello, Ernesto Cybrão, Bento Marques, Insley Pacheco, Arthur Napoleão, Muniz Barreto e Carlos Schramm. O desempenho, como podem atestar os que lá estiveram, foi muito acima do que se podia esperar de amadores.
Pela representação da comédia se abriu o sarau, continuando com a leitura de escritos poéticos e a execução de composições musicais.
Leram composições poéticas os Srs.: conselheiro José Feliciano de Castilho, fragmentos de uma excelente tradução do *Fausto;* Bruno Seabra, fragmentos do seu poema *D. Fuas,* do gênero humorístico, em que a sua musa se distingue sempre; Ernesto Cybrião, uma graciosa e delicada poesia - *O Campo Santo;* Dr. Pedro Luiz - *Os voluntários da morte,* ode eloqüente sobre a Polônia; Faustino de Novaes, uns sentidos versos de despedida a Arthur Napoleão; finalmente, o próprio autor da comédia.
Executaram excelentes pedaços de música os senhores: Arthur Napoleão, A. Arnaud, Schramm e Wagner, pianistas; Muniz Barreto e Bernardelli, violinistas; Tronconi, harpista; Reichert, flautista; BoIgiani, Tootal, Wilmoth, Orlandini e Ferrand, cantores.
A este grupo de artistas é de rigor acrescentar o nome do Sr. Leopoldo Heck, cujos trabalhos de pintura são bem conhecidos, e que se encarregou de *ilustrar* o programa do sarau afixado na sala.
O sarau era o sexto ou sétimo dado pelos mesmos amigos, reinando neste, como em todos, a franca alegria e convivência cordial a que davam lugar o bom gosto da direção e a urbanidade dos diretores.

1863.

PERSONAGENS

LUCIANO MARTINS, deputado.
Dr. SILVEIRA
JOSÉ PACHECO
CARLOS BASTOS
MATEUS
LUIZ PEREIRA
MÜLLER
AGAPITO

Ação - Rio de Janeiro

EM CASA DE MARTINS

Sala elegante

CENA I

MARTINS, SILVEIRA

SILVEIRA *(entrando)* - Primo Martins, abraça este ressuscitado!
MARTINS - Como assim!
SILVEIRA - Não imaginas. Senta-te, senta-te. Como vai a prima!
MARTINS - Está boa. Mas que foi!
SILVEIRA - Foi um milagre. Conheces aquele meu alazão!
MARTINS - Ah! basta; história de cavalos... que mania!
SILVEIRA - É um vÍcio, confesso. Para mim não há outros: nem fumo, nem mulheres, nem jogo, nem vinho; tudo isso que muitas vezes se encontra em um só homem, reuni-o eu na paixão dos cavalos; mas é que não há nada acima de um cavalo soberbo, elegante, fogoso. Olha, eu compreendo Calígula.
MARTINS - Mas, enfim...
SILVEIRA - A história! É simples. Conheces o meu *Intrépido!* É um lindo alazão! Pois ia eu a pouco, comodamente montado, costeando a praia de Botafogo; ia distraído, não sei em que pensava. De repente, um tílburi, que vinha em frente, esbarra e tomba. O *Intrépido* espanta-se; ergue as patas dianteiras, diante da massa que ficara defronte, donde saíam gritos e lamentos. Procurei contê-lo, mas qual! Quando dei por mim rolava muito prosaicamente na poeira. Levantei-me a custo; todo o corpo me doía; mas enfim pude tomar um carro e ir mudar de roupa. Quanto ao alazão, ninguém deu por ele; deitou a correr até agora.
MARTINS - Que maluco!
SILVEIRA - Ah! mas as comoções... E as folhas amanhã contando o fato: "DESASTRE. - Ontem, o jovem e estimado Dr. Silveira Borges, primo do talentoso deputado Luciano Alberto Martins, escapou de morrer... etc." Só isto!
MARTINS - Acabaste a história do teu desastre!
SILVEIRA - Acabei.
MARTINS - Ouve agora o meu.

SILVEIRA - Estás ministro, aposto!
MARTINS - Quase.
SILVEIRA - Conta-me isto. Eu já tinha ouvido falar na queda do ministério.
MARTINS - Faleceu hoje de manhã.
SILVEIRA - Deus lhe fale n'alma!
MARTINS - Pois creio que vou ser convidado para uma das pastas.
SILVEIRA - Ainda não foste!
MARTINS - Ainda não; mas a coisa já
é tão sabida na cidade, ouvi isto em tantas partes, que julguei dever voltar para casa à espera do que vier.
SILVEIRA - Muito bem! Dá cá um abraço! Não é um favor que te fazem; mereces, mereces... Ó primo, eu também posso servir em alguma pasta!
MARTINS - Quando houver uma pasta dos alazões... *(Batem palmas).* Quem será!
SILVEIRA - Será a pasta!
MARTINS - Vê quem é.
(Silveira vai à porta. Entra Pacheco).

CENA II

Os mesmos, José Pacheco

PACHECO - V. Excia. dá-me licença!
MARTINS - Pode entrar.
PACHECO - Não me conhece!
MARTINS - Não tenho a honra.
PACHECO - José Pacheco.
MARTINS - José...
PACHECO - Estivemos há dois dias juntos em casa do Bernardo. Fui-lhe apresentado por um colega da Câmara.
MARTINS - Ah! *(A Silveira, baixo).* Que me quererá!
SILVEIRA *(baixo)* - Já cheiras a ministro.
PACHECO *(sentando-se)* - Dá licença!
MARTINS - Pois não *(Senta-se).*
PACHECO - Então que me diz à situação! Eu já previa isto. Não sei se teve a bondade de ler uns artigos meus assinados - *Armand Carrel.* Tudo o que acontece hoje está lá anunciado. Leia-os e verá. Não sei se os leu!
MARTINS - Tenho uma idéia vaga.
PACHECO - Ah! pois então há de lembrar-se de um deles,

creio que é o IV, não, é o V. Pois nesse artigo está previsto o que acontece hoje, tim tim por tim tim.
SILVEIRA - Então V. S. é profeta!
PACHECO - Em política, ser lógico é ser profeta. Apliquem-se certos princípios a certos fatos, a conseqüência é sempre a mesma. Mas é mister que haja os fatos e os princípios...
SILVEIRA - V. S. aplicou-os!...
PACHECO - Apliquei, sim, senhor, e adivinhei. Leia o meu V artigo e verá com que certeza matemática pintei a situação atual. Ah! ia-me esquecendo *(a Martins),* receba V. Excia. os meus sinceros parabéns.
MARTINS - Por que!
PACHECO - Não foi chamado para o ministério!
MARTINS - Não estou decidido.
PACHECO - Na cidade não se fala em outra coisa. É uma alegria geral. Mas, por que não está decidido! Não quer aceitar!
MARTINS - Não sei ainda.
PACHECO - Aceite, aceite! É digno; e digo mais, na atual situação, o seu concurso pode servir de muito.
MARTINS - Obrigado.
PACHECO - É o que lhe digo. Depois dos meus artigos; principalmente o V, não é lícito a ninguém recusar uma pasta, só se absolutamente não quiser servir o país. Mas nos meus artigos está tudo, é uma espécie de compêndio. De mais, a situação é nossa; nossa, repito, porque eu sou do partido de V. Excia.
MARTINS - É muita honra.
PACHECO - Uma vez que se compenetre da situação, está tudo feito. Ora, diga-me, que política pretende seguir!
MARTINS - A do nosso partido.
PACHECO - É muito vago isso. O que eu pergunto é se pretende governar com energia ou com moderação. Tudo depende do modo. A situação exige um, mas o outro também pode servir...
MARTINS - Ah!
SILVEIRA (á *parte)* - Que maçante!
PACHECO - Sim, a energia é... é isso, a moderação, entretanto... *(Mudando o tom).* Ora, sinto deveras que não tivesse lido os meus artigos, lá vem tudo isso.
MARTINS - Vou lê-los... Creio que já os li, mas lerei segunda vez. Estas coisas devem ser lidas muitas vezes.
PACHECO - Não tem duvida, como os catecismos. Tenho escrito outros muitos; ha doze anos que não faço outra

coisa; presto religiosa atenção aos negócios do Estado e emprego-me em prever as situações. O que nunca me aconteceu foi atacar ninguém; não vejo as pessoas, vejo sempre as idéias. Sou capaz de impugnar hoje os atos de um ministro e ir amanhã almoçar com ele.
SILVEIRA - Vê-se logo.
PACHECO - Está claro!
MARTINS *(baixo a Silveira)* - Será tolo ou velhaco?
SILVEIRA *(baixo)* - Uma e outra coisa. *(Alto)* Ora, não me dirá, com tais disposições, por que não segue a carreira política? Por que se não propõe a uma cadeira no parlamento?
PACHECO - Tenho meu amor próprio, espero que ma ofereçam.
SILVEIRA - Talvez receiem ofendê-lo.
PACHECO - Ofender-me?
SILVEIRA - Sim, a sua modéstia...
PACHECO - Ah! modesto sou; mas não ficarei zangado.
SILVEIRA - Se lhe oferecerem uma cadeira... está bom. Eu também não; nem ninguém. Mas eu acho que se devia propor; fazer um manifesto, juntar os seus artigos, sem faltar o V...
PACHECO - Esse principalmente. Cito aí boa soma de autores. Eu, de ordinário, cito muitos autores.
SILVEIRA - Pois é isso, escreva o manifesto e apresente-se.
PACHECO - Tenho medo da derrota.
SILVEIRA - Ora, com as suas habilitações...
PACHECO - É verdade, mas o mérito é quase sempre desconhecido, e enquanto eu vegeto nos - *a pedidos* dos jornais, vejo muita gente chegar á cumeeira da fama. *(A Martins).* Ora, diga-me, o que pensará V. Excia. quando eu lhe disser que redigi um folheto e que vou imprimi-lo?
MARTINS - Pensarei que...
PACHECO *(metendo a mão no bolso)* -Aqui lho trago *(tira um rolo de papel).* Tem muito que fazer?
MARTINS - Alguma coisa.
SILVEIRA - Muito, muito.
PACHECO - Então não pode ouvir o meu folheto?
MARTINS - Se me dispensasse agora...
PACHECO - Pois sim, em outra ocasião. Mas, em resumo, é isto: trato dos meios de obter uma renda três vezes maior do que a que temos sem lançar mão de empréstimos, e mais ainda, diminuindo os impostos.
SILVEIRA - Oh!

PACHECO *(guardando o rolo)* - Custou-me muitos dias de trabalho, mas espero fazer barulho.
SILVEIRA (*À parte)* - Ora espera... *(Alto)* Mas então, primo...
PACHECO - Ah! é primo de V. Excia.?
SILVEIRA - Sim, senhor.
PACHECO - Logo vi, há traços de família; vê-se que é um moço inteligente. A inteligência é o principal traço da família de Vs. Excias. Mas dizia...
SILVEIRA - Dizia ao primo que vou decididamente comprar uns cavalos do Cabo magníficos. Não sei se os viu já. Estão na cocheira do major...
PACHECO - Não vi, não, senhor.
SILVEIRA - Pois, senhor, são magníficos! É a melhor estampa que tenho visto, todos do mais puro castanho, elegantes, delgados, vivos. O major encomendou trinta; chegaram seis; fico com todos. Vamos nós vê-los?
PACHECO *(aborrecido)* - Eu não entendo de cavalos. *(Levanta-se).* Hão de dar-me licença. *(A Martins)* V. Excia. janta às cinco?
MARTINS - Sim, senhor, quando quiser...
PACHECO - Ah! hoje mesmo, hoje mesmo. Quero saber se aceitará ou não. Mas se quer um conselho de amigo, aceite, aceite. A situação está talhada para um homem como V. Excia. Não a deixe passar. Recomendações a toda á sua família. Meus senhores. *(Da porta).* Se quer, trago-lhe uma coleção dos meus artigos?
MARTINS - Obrigado, cá os tenho.
PACHECO - Bem, sem mais cerimônia.

CENA III

Martins, Silveira

MARTINS - Que me dizes a isto?
SILVEIRA - É um parasita, está claro.
MARTINS - E virá jantar?
SILVEIRA - Com toda a certeza.
MARTINS - Ora esta!
SILVEIRA - É apenas o começo; não passas ainda de um quase-ministro. Que acontecerá quando o fores de todo?
MARTINS - Tal preço não vale o trono.
SILVEIRA - Ora, aprecia lá a minha filosofia. Só me ocupo

dos meus alazões, mas quem se lembra de me vir oferecer artigos para ler e estômagos para alimentar? Ninguém. Feliz obscuridade!
MARTINS - Mas a sem-cerimônia.
SILVEIRA - Ah! querias que fossem acanhados? São lestos, desembaraçados, como em suas próprias casas. Sabem tocar a corda.
MARTINS - Mas, enfim, não há muitos como este. Deus nos livre! Seria uma praga! Que maçante! Se não lhe falas em cavalos ainda aqui estava! *(Batem palmas).* Será outro?
SILVEIRA - Será o mesmo?

CENA IV

Os mesmos, Carlos Bastos

BASTOS - Meus senhores...
MARTINS - Queira sentar-se. *(Sentam-se).* Que deseja?
BASTOS - Sou filho das musas.
SILVEIRA - Bem, com licença.
MARTINS - Onde vais?
SILVEIRA - Vou lá dentro falar à prima.
MARTINS *(baixo)* - Presta-me o auxílio dos teus cavalos.
SILVEIRA *(baixo)* - Não é possível, este conhece o Pégaso. Com licença.

CENA V

Martins, Bastos

BASTOS - Dizia eu que sou filho das musas... Com efeito, desde que me conheci, achei-me logo entre elas. Elas me influÍram a inspiração e o gosto da poesia, de modo que, desde os mais tenros anos, fui poeta.
MARTINS - Sim, senhor, mas...
BASTOS - Mal comecei a ter entendimento, achei-me logo entre a poesia e a prosa, como Cristo entre o bom e o mau ladrão. Ou devia ser poeta, conforme me pedia o gênio, ou lavrador, conforme meu pai queria. Segui os impulsos do gênio; aumentei a lista dos poetas e diminui a dos lavradores.
MARTINS - Porém...
BASTOS - E podia ser o contrário? Há alguém que fuja á sua

sina? V. Excia. não é um exemplo? Não se acaba de dar às suas brilhantes qualidades políticas a mais honrosa sanção? Corre ao menos por toda a cidade.
MARTINS - Ainda não é completamente exato.
BASTOS - Mas há de ser, deve ser. *(Depois de uma pausa).* A poesia e a política acham-se ligadas por um laço estreitíssimo. O que é a política? Eu a comparo a Minerva. Ora, Minerva é filha de Júpiter, como Apolo. Ficam sendo, portanto, irmãos. Deste estreito parentesco nasce que a minha musa, apenas soube do triunfo político de V. Excia., não pude deixar de dar alguma cópia de si. Introduziu-me na cabeça a faísca divina, emprestou-me as suas asas e arrojou-me até onde se arrojava Pindaro. Há de me desculpar, mas agora mesmo parece-me que ainda por lá ando.
MARTINS (á *parte)* - Ora dá-se.
BASTOS - Longo tempo vacilei; não sabia se devia fazer uma ode ou um poema. Era melhor o poema, por oferecer um quadro mais largo, e poder assim conter mais comodamente todas as ações grandes da vida de V. Excia.; mas, um poema só deve pegar do herói quando ele morre; e Vossa Excia., por fortuna nossa, ainda se acha entre os vivos. A ode prestava-se mais, era mais curta e mais própria. Desta opinião foi a musa que me inspirou a melhor composição que até hoje tenho feito. V. Excia. vai ouvi-la. *(Mete a mão no bolso).*
MARTINS - Perdão, mas agora não me é possível.
BASTOS - Mas...
MARTINS - Dê cá; lerei mais tarde. Entretanto, cumpre-me dizer que ainda não é cabida, porque ainda não sou ministro.
BASTOS - Mas ha de ser, deve ser. Olhe, ocorre-me uma coisa. Naturalmente hoje á tarde já isso está decidido. Seus amigos e parentes virão provavelmente jantar com V. Excia.; então no melhor da festa, entre a pêra e o queijo, levanto-me eu, como Horácio à mesa de Augusto, e desafio a minha ode! Que acha? É muito melhor, é muito melhor.
MARTINS - Será melhor não a ler; pareceria encomenda.
BASTOS - Oh! modéstia! Como assenta bem em um ministro!
MARTINS - Não é modéstia.
BASTOS - Mas quem poderá supor que seja encomenda? O seu caráter de homem público repele isso, tanto quanto repele o meu caráter de poeta. Há de se pensar o que

realmente é: homenagem de um filho das musas a um aluno de Minerva. Descanse, conte com a sobremesa poética.
MARTINS - Enfim...
BASTOS - Agora, diga-me, quais são as dúvidas para aceitar esse cargo?
MARTINS - São secretas.
BASTOS - Deixe-se d'isso; aceite, que é o verdadeiro. V. Excia. deve servir o país. É o que eu sempre digo a todos... Ah! não sei se sabe: de há cinco anos a esta parte, tenho sido cantor de todos os ministérios. É que, na verdade, quando um ministério sobe ao poder, há razões para acreditar que fará a felicidade da nação. Mas nenhum a fez; este há de ser exceção: V. Excia. está nele e há de obrar de modo que mereça as bênçãos do futuro. Ah! os poetas são um tanto profetas.
MARTINS *(levantando-se)* - Muito obrigado. Mas há de me desculpar. *(Vê o relógio).* Devo sair.
BASTOS *(levantando-se)* - Eu também saio e terei muita honra de ir à ilharga de V. Excia.
MARTINS - Sim... mas, devo sair daqui a pouco.
BASTOS *(sentando-se)* - Bem, eu espero.
MARTINS - Mas é que eu tenho de ir para o interior de minha casa escrever umas cartas.
BASTOS - Sem cerimônia. Sairemos depois e voltaremos... V. Excia. janta ás cinco?
MARTINS - Ah! quer esperar?
BASTOS - Quero ser dos primeiros que
o abracem, quando vier a confirmação da notícia; quero, antes de todos, estreitar nos braços o ministro que vai salvar a nação.
MARTINS *(meio zangado)* - Pois fique, fique.

CENA VI

Os mesmos, Mateus

MATEUS - É um crIado de V. Excia.
MARTINS - Pode entrar.
BASTOS (á *parte)* - Será algum colega? chega tarde!
MATEUS - Não tenho a honra de ser conhecido por V. Excia., mas, em poucas palavras, direi quem sou...
MARTINS - Tenha a bondade de sentar-se.

MATEUS *(vendo Bastos)* - Perdão; está com gente; voltarei em outra ocasião.
MARTINS - Não, diga o que quer, este senhor vai já.
BASTOS - Pois não! (À *parte)* Que remédio! *(Alto)* Às ordens de V. Excia.; até logo... não me demoro muito.

CENA VII

MARTINS, MATEUS

MARTINS - Estou ás suas ordens.
MATEUS - Primeiramente deixe-me dar-lhe os parabéns; sei que vai ter a honra de sentar-se nas poltronas do Executivo e eu acho que é do meu dever congratular-me com a nação.
MARTINS - Muito obrigado. *(À parte)* É sempre a mesma cantilena.
MATHEU5 - O país tem acompanhado os passos brilhantes da carreira política de V. Excia. Todos contam que, subindo ao ministério, V. Excia. vai dar à sociedade um novo tom. Eu penso do mesmo modo. Nenhum dos gabinetes anteriores compreendeu as verdadeiras necessidades da pátria. Uma delas é a idéia que eu tive a honra de apresentar há cinco anos, e para cuja realização ando pedindo um privilégio. Se V. Excia. não tem agora muito que fazer, vou explicar-lhe a minha idéia.
MARTINS - Perdão; mas como eu posso não ser ministro, desejava não entrar por ora no conhecimento de uma coisa que só ao ministro deve ser comunicada.
MATEUS - Não ser ministro ! Vossa Excia. não sabe o que está dizendo... Não ser ministro é, por outros termos, deixar o país à beira do abismo com as molas do maquinismo social emperradas... Não ser ministro! Pois é possível que um homem, com os talentos e os instintos de V. Excia., diga semelhante barbaridade? É uma barbaridade. Eu já não estou em mim... Não ser ministro!
MARTINS - Basta, não se aflija desse modo.
MATEUS - Pois não me hei de afligir?
MARTINS - Mas então a sua idéia?
MATHEUS *(depois de limpar a testa com o lenço)* - A minha idéia é simples como água. Inventei uma peça de artilharia; coisa inteiramente nova; deixa atrás de si tudo o que até hoje tem sido descoberto. É um invento que põe na mão do país que o possuir a soberania do mundo.

MARTINS - Ah! Vejamos.
MATHEUS - Não posso explicar o meu segredo porque seria perdê-lo. Não é que eu duvide da discrição de V. Excia.; longe de mim semelhante idéia; mas é que Vossa Excia. sabe que estas coisas têm mais virtude quando são inteiramente secretas.
MARTINS - É justo; mas, diga-me lá, quais são as propriedades da sua peça?
MATHEUS - São espantosas. Primeiramente, eu pretendo denominá-la: *O raio de Júpiter,* para honrar com um nome majestoso a majestade do meu invento. A peça é montada sobre uma carreta, a que chamarei locomotiva, porque não é outra coisa. Quanto ao modo de operar, é aí que está o segredo. A peça tem sempre um deposito de pólvora e bala para carregar, e vapor para mover a máquina. Coloca-se no meio do campo e deixa-se... Não lhe bulam. Em começando o fogo, entra a peça a mover-se em todos os sentidos, descarregando bala sobre bala, aproximando-se ou recuando, segundo a necessidade. Basta uma para destroçar um exército; calcule o que não serão umas doze, como esta. É ou não a soberania do mundo?
MARTINS - Realmente, é espantoso. São peças com juízo.
MATHEUS - Exatamente.
MARTINS - Deseja então um privilégio?
MATEUS - Por ora... É natural que a posteridade me faça alguma coisa... Mas tudo isso pertence ao futuro.
MARTINS - Merece, merece.
MATEUS - Contento-me com o privilégio... Devo acrescentar que alguns ingleses, alemães e americanos que, não sei como, souberam deste invento, já me propuseram, ou a venda dele ou uma carta de naturalização nos respectivos países; mas eu amo à minha pátria e os meus ministros.
MARTINS - Faz bem.
MATHEUS - Está V. Excia. informado das virtudes da minha peça. Naturalmente daqui a pouco é ministro. Posso contar com a sua proteção?
MARTINS - Pode; mas eu não respondo pelos colegas.
MATEUS - Queira V. Excia. e os colegas cederão. Quando um homem tem as qualidades e a inteligência superior de V. Excia., não consulta, domina. Olhe, eu fico descansado a este respeito.

CENA VIII

Os mesmos, Silveira

MARTINS - Fizeste bem em vir. Fica um momento conversando com este senhor. É um inventor e pede um privilégio. Eu vou sair; vou saber novidades. *(À parte)* Com efeito, a coisa tarda. *(Alto)* Até logo. Aqui estarei sempre às suas ordens. Adeus, Silveira.
SILVEIRA *(baixo a Martins)* - Então, deixas-me só?
MARTINS *(baixo)* - Agüenta-se. *(Alto)* Até sempre!
MATEUS - Às ordens de V. Excia.

CENA IX

Mateus, Silveira

MATEUS - Eu também me vou embora. É parente do nosso ministro?
SILVEIRA - Sou primo.
MATEUS - Ah!
SILVEIRA - Então V. S. inventou alguma coisa? Não foi a pólvora?
MATEUS - Não foi, mas cheira a isso... Inventei uma peça.
SILVEIRA - Ah!
MATEUS - Um verdadeiro milagre... Mas não é o primeiro; tenho inventado outras coisas. Houve um tempo em que me zanguei; ninguém fazia caso de mim; recolhi-me ao silêncio, disposto a não inventar mais nada. Finalmente, a vocação sempre vence; comecei de novo a inventar, mas nada fiz ainda que chegasse á minha peça. Hei de dar nome ao século XIX.

CENA X

Os mesmos, Luiz Pereira

PEREIRA - S. Excia. está em casa?
SILVEIRA - Não, senhor. Que desejava?
PEREIRA - Vinha dar-lhe os parabéns.
SILVEIRA - Pode sentar-se.
PEREIRA - Saiu?
SILVEIRA - Há pouco.

PEREIRA - Mas volta?
SILVEIRA - Há de voltar.
PEREIRA - Vinha dar-lhe os parabéns. e convidá-lo.
SILVEIRA - Para que, se não é curiosidade?
PEREIRA - Para um jantar.
SILVEIRA - Ah! *(À parte)* Está feito. Este oferece jantares.
PEREIRA - Está já encomendado. Lá se encontrarão varias notabilidades do país. Quero fazer ao digno ministro, sob cujo teto tenho a honra de falar neste momento, aquelas honras que o talento e a virtude merecem.
SILVEIRA - Agradeço em nome dele esta prova...
PEREIRA - V. S. pode até fazer parte da nossa festa.
SILVEIRA - É muita honra.
PEREIRA - É meu costume, quando sobe um ministério, escolher o ministro mais simpático e oferecer-lhe um jantar. E há uma coisa singular: conto os meus filhos por ministérios. Casei-me em 50; daí para cá, tantos ministérios, tantos filhos. Ora, acontece que de cada pequeno meu é padrinho um ministro e fico eu assim espiritualmente aparentado com todos os gabinetes. No ministério que caiu, tinha eu dois compadres. Graças a Deus, posso fazê-lo sem diminuir as minhas rendas.
SILVEIRA (á *parte) -* O que lhe come o jantar é quem batiza o filho.
PEREIRA - Mas o nosso ministro, demorar-se-á muito?
SILVEIRA - Não sei... ficou de voltar.
MATEUS - Eu peço licença para me retirar. *(À parte, a Silveira)* Não posso ouvir isto.
SILVEIRA - Já se vai?
MATEUS - Tenho voltas que dar; mas logo cá estou. Não lhe ofereço para jantar, porque vejo que S. Excia. janta fora.
PEREIRA - Perdão, se me quer dar a honra.
MATHEUS - Honra... sou eu que a recebo... aceito, aceito com muito gosto.
PEREIRA - É no Hotel Inglês, às cinco horas.

CENA XI

Os mesmos, Agapito, Müller

SILVEIRA - Oh! entra, Agapito!
AGAPITO - Como estás?
SILVEIRA - Traze parabéns?

AGAPITO - E pedidos.
SILVEIRA - O que é?
AGAPITO - Apresento-te o Sr. Müller, cidadão hanoveriano.
SILVEIRA *(a Müller)* - Queira sentar-se.
AGAPITO - O Sr. Müller chegou há quatro meses da Europa e deseja contratar o teatro lírico.
SILVEIRA - Ah!
MÜLLER - Tenho debalde perseguido os ministros, nenhum me tem atendido. Entretanto, o que eu proponho é um verdadeiro negócio da China.
AGAPITO *(a Müller)* - Olhe que não é ao ministro que está falando, é ao primo dele.
MÜLLER - Não faz mal. Veja se não é negócio da China. Proponho fazer cantar os melhores artistas da época. Os senhores vão ouvir coisas nunca ouvidas. Verão o que é um teatro lírico.
SILVEIRA - Bem, não duvido.
AGAPITO - Somente, o Sr. Müller pede uma subvenção.
SILVEIRA - É justo. Quanto?
MÜLLER - Vinte e cinco contos por mês.
MATEUS - Não é má; e os talentos do país? Os que tiverem à custa do seu trabalho produzido inventos altamente maravilhosos? O que tiver posto na mão da pátria a soberania do mundo?
AGAPITO - Ora, senhor! A soberania do mundo é a música, que vence a ferocidade. Não sabe a história de Orfeu?
MÜLLER - Muito bem!
SILVEIRA - Eu acho a subvenção muito avultada.
MÜLLER - E se eu lhe provar que não é?
SILVEIRA - É possível, em relação ao esplendor dos espetáculos; mas, nas circunstâncias do país...
AGAPITO - Não há circunstâncias que procedam contra a música... Deve ser aceita a proposta do Sr. Müller.
MÜLLER - Sem dúvida.
AGAPITO - Eu acho que sim. Há uma porção de razões para demonstrar a necessidade de um teatro lírico. Se o país é feliz, é bom que ouça cantar, porque a música confirma as comoções da felicidade. Se o país é infeliz, é também bom que ouça cantar, porque a música adoça as dores. Se o país é dócil, é bom que ouça música, para nunca se lembrar de ser rebelde. Se o país é rebelde, é bom que ouça música, porque a música adormece os furores e produz a brandura. Em todos os casos a música é útil. Deve ser até um meio do governo.

SILVEIRA - Não contesto nenhuma dessas razões; mas meu primo, se for efetivamente ministro, não aceitará semelhante proposta.
AGAPITO - Deve aceitar; mais ainda, se és meu amigo, deves interceder pelo Sr. Müller.
SILVEIRA - Por que?
AGAPITO *(baixo, a Silveira)* - Filho, eu namoro a prima-dona! *(Alto)* Se me perguntarem quem é a prima-dona, não saberei responder; é um anjo e um diabo; é a mulher que resume as duas naturezas, mas a mulher perfeita, completa, única. Que olhos! que porte! que donaire! que pé! que voz!
SILVEIRA - Também a voz?
AGAPITO - Nela não há primeiros ou últimos merecimentos. Tudo é igual; tem tanta formosura, quanta graça, quanto talento! Se a visses! Se a ouvisses!
MÜLLER - E as outras? Tenho uma andaluza... *(levando os dedos á boca e beijando-os)* divina! É a flor das andaluzas!
AGAPITO - Tu não conheces as andaluzas.
SILVEIRA - Tenho uma que me mandaram de presente.
MÜLLER - Pois, senhor, eu acho que o governo deve aceitar com ambas as mãos *a* minha proposta.
AGAPITO *(baixo, a Silveira)* - E depois, eu acho que tenho direito a este obséquio; votei com vocês nas eleições.
SILVEIRA - Mas...
AGAPITO - Não mates o meu amor ainda nascente.
SILVEIRA - Enfim, o primo resolverá.

CENA XII

Os mesmos, Pacheco, Bastos

PACHECO - Dá licença?
SILVEIRA *(á parte)* - Oh! aí está toda a procissão.
BASTOS - S. Excia.?
SILVEIRA - Saiu. Queiram sentar-se.
PACHECO - Foi naturalmente ter com os companheiros para assentar na política do gabinete. Eu acho que deve ser a política moderada. É a mais segura.
SILVEIRA - É a opinião de nós todos.
PACHECO - É a verdadeira opinião. Tudo o que não for isto é sofismar a situação.
BASTOS - Eu não sei se isso é o que a situação pede; o que

sei é que S. Excia. deve colocar-se na altura que lhe compete, a altura de um Hércules. O *deficit* é o leão de Neméia; é preciso mata-lo. Agora, se para aniquilar esse monstro é preciso energia ou moderação, isso não sei; o que sei é que é preciso talento e muito talento, e nesse ponto ninguém pode ombrear com Sua Excia.
PACHECO - Nesta última parte concordamos todos.
BASTOS - Mas que moderação é essa? Pois faz-se jus aos cantos do poeta e ao cinzel do estatuário com um sistema de moderação? Recorramos aos heróis... Aquiles foi moderado? Heitor foi moderado? Eu falo pela poesia, irmã carnal da política, porque ambas são filhas de Júpiter.
PACHECO - Sinto não ter agora os meus artigos. Não posso ser mais claro do que fui naquelas páginas, realmente as melhores que tenho escrito.
BASTOS - Ah! V. S. também escreve?
PACHECO - Tenho escrito vários artigos de apreciação política.
BASTOS - Eu escrevo em verso; mas nem por isso deixo de sentir prazer, travando conhecimento com V. S..
PACHECO - Oh! senhor.
BASTOS - Mas pense e há de concordar comigo.
PACHECO - Talvez... Eu já disse que sou da política de S. Excia.; e contudo ainda não sei (para falar sempre em Júpiter...), ainda não sei se ele é filho de Júpiter Libertador ou Júpiter Stator; mas já sou da política de S. Excia.; e isto porque sei que, filho de um ou de outro, há de sempre governar na forma indicada pela situação, que é a mesma já prevista nos meus artigos, principalmente o V...

CENA XIII

Os mesmos, Martins

BASTOS - Aí chega S. Excia.
MARTINS - Meus senhores...
SILVEIRA *(apresentando Pereira)* - Aqui o senhor vem convidar-te para jantar com ele.
MARTINS - Ah!
PEREIRA - É verdade; soube da sua nomeação e vim, conforme o coração me pediu, oferecer-lhe uma prova pequena da minha simpatia.
MARTINS - Agradeço a simpatia; mas o boato que correu

hoje, desde manhã, é falso... O ministério está completo, sem min.
TODOS - Ah!
MATEUS - Mas quem são os novos?
MARTINS - Não sei.
PEREIRA (à *parte)* - Nada, eu não posso perder um jantar e um compadre.
BASTOS (à *parte)* - E a minha ode? *(A Matheus)* Fica?
MATEUS - Nada, eu vou. *(Aos outros)* Vou saber quem é o novo ministro para oferecer-lhe o meu invento...
BASTOS - Sem incômodo, sem incômodo.
SILVEIRA *(a Bastos e Mateus)* - Esperem um pouco.
PACHECO - E não sabe qual será a política do novo ministério? É preciso saber. Se não for a moderação, está perdido. Vou averiguar isso.
MARTINS - Não janta conosco?
PACHECO - Um destes dias... obrigado... até depois...
SILVEIRA - Mas esperem: onde vão? Ouçam ao menos uma história. É pequena mas conceituosa. Um dia anunciou-se um suplício. Toda gente correu a ver o espetáculo feroz. Ninguém ficou em casa: velhos, moços, homens, mulheres, crianças, tudo invadiu a praça destinada à execução. Mas, porque viesse o perdão à última hora, o espetáculo não se deu e a forca ficou vazia. Mais ainda: o enforcado, isto é, o condenado, foi em pessoa à praça pública dizer que estava salvo e confundir com o povo as lágrimas de satisfação. Houve um rumor geral., depois um grito, mais dez, mais cem, mais mil, romperam de todos os ângulos da praça, e uma chuva de pedras deu ao condenado a morte de que o salvara a real clemência. - Por favor, misericórdia para este *(apontando para Martins).* Não tem culpa nem da condenação, nem da absolvição.
PEREIRA - A que vem isto?
PACHECO - Eu não lhe acho graça alguma!
BASTOS - Histórias da carochinha!
MATEUS - Ora adeus! Boa tarde.
Os OUTROS - Boa tarde.

CENA XIV

Martins e Silveira

MARTINS - Que me dizes a isto?

SILVEIRA - Que hei de dizer! Estavas a surgir... dobraram o joelho: repararam que era uma aurora boreal, voltaram as costas e lá se vão em busca do sol... São especuladores!
MARTINS - Deus te livre destes e de outros...
SILVEIRA - Ah! livra... livra. Afora os incidentes como o de Botafogo... ainda não me arrependi das minhas loucuras, como tu lhes chamas. Um alazão não leva ao poder, mas também não leva á desilusão.
MARTINS - Vamos jantar.

CAI O PANO

****

Sobre o autor e sua obra

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

Nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Filho de mulato, brasileiro, e de branca, portuguesa; era gago, epiléptico, pobre, é por causa disto não pôde estudar em escolas e tornou-se um grande autodidata.

Colaborou na revista "Marmota Fluminense", foi aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu seu protetor, Manuel Antonio de Almeida; foi revisor de provas na Editora Paula Brito e no "Correio Mercantil" e colaborador em vários jornais e revistas da época.

Na imprensa publicou vários contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, muitos dos quais assinados com pseudônimos: Platão, Gil, Lara, Dr. Semana, Job, M.A., Max Manassés e outros.

Casou-se em 1869 com D. Carolina Novais, que veio dar mais inspiração à sua vida literária. Em 1904, quando D. Carolina morreu, ainda inspirou o mais belo soneto de sua producão: "A Carolina", publicado no livro "Relíquias de Casa Velha":

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
"Pulsa-lhe- aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

"Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
"Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vívidos".

Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Poesias: "Crisálidas", (1864); "Falenas", "Americanas".

Romances: "Ressurreição", "A Mão e a Luva", "Helena", "Iaiá Garcia".

Contos: "Contos Fluminenses", "Histórias da Meia Noite", (1869).

Teatro: "Desencantos", "0 Caminho da Porta", "0 Protocolo", "Quase Ministro", "Os Deuses de Casaca". Crônicas e Críticas. Fase Realista (de 1881 a 1908)

Poesias: "Ocidentais".

Romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires". Contos: "Papéis Avulsos", "Histórias sem Data", "Várias Histórias", "Páginas Recolhidas", "Relíquias de Casa Velha".

Teatro: "Tu, só Tu, Puro Amor" "Não Consultes Médico", "Lição de Botânica", crônicas e críticas.

Machado de Assis é de estilo clássico e sóbrio, com frases curtas e bem construídas, vocabulário muito rico e construções sintáticas perfeitas. Sua obra é de análise de caracteres e seus tipos são inesquecíveis e verdadeiros. Em toda sua obra há uma preocupação pelo adultério, tentado ou consumado, e muito de filosofia: a filosofia do humanitismo, que é explicada no seu romance "Quincas Borba". Sua técnica de composição no romance é muito importante para a compreensão da obra: não há homogeneidade na extensão dos capítulos: ora curtos, ora longos, não existe normalmente a seqüência linear, isto é,

muitas vezes um capítulo não tem um final de ação, que irá continuar não no imediatamente seguinte, mas em outro um pouco distante. Esta técnica procura prender a atenção do leitor até o fim do livro, o que realmente consegue.

Sem dúvida, trata-se do mais alto escritor brasileiro de todos os tempos, o primeiro escritor universal de nossa Literatura. De uns tempos para cá, sua obra vem sendo objeto de estudos em profundidade, sob ângulos vários, constituindo-se no maior acervo bio-bibliográfico que jamais suscitou um escritor nacional. Sobretudo, cumpre destacar-se, como a mais importante de sua obra, a parte de ficção - seus contos, verdadeiras obras-primas - e os romances a partir da fase que se Iniciou com as "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Machado de Assis não se filia a qualquer coisa, dando apenas vazão ao seu próprio sentimento de homem introspectivo. É possuidor de um estilo simples, sem nenhum artificialismo. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou, em suas obras, mais do homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passou pelo romantismo e depois mostrou-se parnasiano. Para Machado de Assis o homem é egoísta, impassível diante da felicidade ou infelicidade do seu semelhante. 0 sofrimento é inerente à própria condição humana. 0 homem sonha com a felicidade, sem suspeitar que tudo é Ilusão. Machado aconselha então a solidão, o Isolamento, por não crer no solidarismo humano.

No teatro Machado de Assis se revela como tradutor, critico e comediógrafo. Como critico procurava exaltar os valores morais. Para ele, "a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. 0 teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização."

E ainda foi além. Ressuscitando uma antiqualha dos Séculos XVII; inovou o soneto, dando-lhe a forma contínua do (Círculo Vicioso). Outra inovação: a alternância do octossílabo com o tetrassílabo, de que se utilizou nos versos a Artur de Oliveira. Combinado o octossílabo com o doclecassílabo, criou ainda o ritmo dos agrupamentos da Mosca Azul. E deu em 1885 uma incomparável lição de

poesia quando, na ocasião comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, publicou, sob o título de A Suprema Injúria, uma série de quatorze sonetos, onde não há dois iguais na sua forma.

Machado de Assis foi ainda um técnico do verso, o admirável tradutor de a primeira fase machadiana. 0 terceiro romance, Helena, jovem confrade, e escreve poesia, a quem devemos pelo o que seria diferente da já representa uma evolução. Vai eclodir com as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

No romance como na poesia, Machado de Assis ressente-se de influencia romântica nas primeiras obras: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1875), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). É toda romântica a concepção dos personagens e do entrecho; revela-se a personalidade do autor na preocupação mais acentuada do estudo dos caracteres. Mas as situações que arma, para os revelar, e a própria compreensão que deles tem, tudo trai a visão romântica, ainda que mitigada pela analise psicológica.

De Ressurreição, em que a narração e linear, a língua pobre, os caracteres de linhas definidas, a Iaiá Garcia, onde a narrativa é dotada de maior penetração, a língua se precisa e os caracteres já se mostram mais complexos, o progresso é significativo. 0 mais romanesco dos três é Helena, a confinar por vezes com a inverossimilhança.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Brás Cubas, já falecido, conta, do outro mundo, as suas memórias: "Expirei em 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Galhofando dos ascendentes, fala da própria genealogia. Assevera que morreu de pneumonia apanhada quando trabalhava num invento farmacêutico, um emplastro medicamentoso.

Virgília, sua ex-amante, que já não via há alguns anos, visitou-o nos últimos dias de vida. Narra Brás Cubas um delírio que teve durante a agonia: montado num hipopótomo foi arrebatado por unia extensa e gelada planície, até o alto de uma montanha, de onde divisa a

sucessão dos séculos. Além dos pais, tiveram grande influência na educação do pequeno Brás Cubas três pessoas: tio João, homem de língua solta e vida galante; tio Ildefonso, cônego, piedoso e severo; Dona Emerenciana, tia materna, que viveu pouco tempo. Brás passou uma infância de menino traquinas, mimado demasiadamente pelo pai.

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, dama espanhola, com quem teve as primeiras experiências amorosas. Para agradar Marcela, Brás começa a gastar demais, assumindo compromissos graves e endividando-se. Marcela gostava de jóias e Brás procurava fazer-lhe todos os gostos. "Marcela amou-me, diz Brás Cubas, durante quinze meses e onze contos de réis". Quando o pai tomou conhecimento dos esbanjamentos do filho, mandou-o para a Europa: "vais cursar uma Universidade", justificou. Em Coimbra, Brás segue o curso jurídico e bacharela-se. Depois, atendendo a um chamado do pai, volta ao Rio: a mãe estava moribunda. E, de fato, apenas chega ao Brasil, a mãe falece. Passando uns dias na Tijuca, conhece Eugênia, moça bonita, mas com um defeito na perna que a fazia coxear um pouco, com ela mantém um passageiro romance.

O pai de Brás tem duas, ambições para o filho: quer casá-lo e faze-lo deputado. Tudo faz para encaminhá-lo no rumo do casamento e procura aumentar o circulo de amigos influentes na política, a fim de preparar o caminho para o futuro deputado. Assim é que Brás Cubas é apresentado ao Conselheiro Dutra que promete ajudar ao jovem bacharel na pretendida ascensão política.

Brás nesta altura vem a conhecer Virgília, filha do Conselheiro Dutra, pela qual se apaixona. Parecia, com isso, que os sonhos do pai sobre Brás estavam prestes a realizar-se: bem encaminhado na política e quase noivo. Entretanto aconteceu um imprevisto: surge Lobo Neves que não somente lhe rouba a namorada, mas também cai nas boas graças do Conselheiro Dutra.

Vendo assim preterido o filho, o pai de Brás sente-se profundamente desapontado e magoado. Veio a falecer dali a alguns meses, de um desastre. Virgília casa-se com Lobo Neves e, pouco tempo depois, vê eleito Deputado o marido.

Mas, na verdade, Virgília casara-se com Lobo Neves por interesse, e ama realmente a Brás Cubas. Virgília e Brás principiam a encontrar-se com freqüência e, em breve, tornam-se amantes. Lobo Neves adorava a esposa e nela confiava inteiramente. Aliás não tinha muito tempo para observar o que se passava, já que estava entregue totalmente à política.

Narra nesta altura Brás Cubas o encontro que teve com seu ex-colega de escola primária, Quincas Borba, que se tornara um infeliz mendigo de rua. Depois do encontro com Quincas, Brás percebe que o maltrapilho lhe roubara o relógio. Os encontros amorosos entre Virgília e Brás suscitam comentários e mexericos dos vizinhos, amigos e conhecidos. Por esse motivo, Brás propõe a Virgília a fuga para um lugar distante. Virgília, porém, pensa no marido que a ama e na família, e sugere "uma casinha só nossa", metida num jardim, em alguma rua escondida. A idéia parece boa a Brás, que sai remoendo a proposta: "uma casinha solitária, em alguma rua escura". Virgília e sua ex-empregada, chamada Dona Plácida, se encarregam de adornar a casa e, aparentemente, quem ali reside é Dona Plácida. Ali os dois amantes se encontram sem maiores embaraços, e sem despertarem suspeitas. Sucedeu que, de certa feita, por motivos políticos, Lobo Neves foi designado como presidente de uma província e, dessa forma, teria de afastar-se com a mulher. Brás fica desesperado e pede a Virgília que não o abandone.

Quando tudo parece sem solução, eis que surge Lobo Neves e, para agradar ao amigo da família, convida-o para acompanhá-lo como secretário. Brás aceita. Os mexericos se tornam mais intensos e Cotrim casado com Sabina, procura fazer ver ao cunhado que a viagem seria uma aventura perigosa. Mais por superstição do que pelos conselhos de Cotrim, Lobo Neves acaba não aceitando mais o cargo de presidente, porque o decreto de nomeação saíra publicado no Diário oficial num dia 13: Lobo Neves tinha pavor pelo número, um número fatídico. Lobo Neves recebe uma carta anônima denunciando os amores da esposa com o amigo. Isso faz com que os dois amantes se mostrem mais reservados, embora continuem encontrando-se na Gamboa (onde fica a casa de Dona Plácida).

Surge então um acontecimento que vem alterar a situação os personagens: Lobo neves é novamente nomeado presidente e, desta vez, parte para o interior do país levando consigo a esposa. Brás procura distrair-se e esquecer a separação.

A irmã Sabina, que vinha procurando "arranjar" um casamento para Brás, volta a insistir em seu objetivo. A candidata, uma moça prendada, chamava-se Nhá-loló. Mesmo sem entusiasmo, Brás aparenta interesse pela pretendente, mas Nhá-loló vem a falecer durante urna epidemia. o tempo vai passando.

Mais por distração do que por idealismo, Brás procura um derivativo de suas decepções amorosas na política. Faz-se deputado e, na assembléia, vem a encontrar-se com Lobo Neves que havia voltado da província. Encontra-se também com Virgília, que não tinha já aquela beleza antiga que o havia atraído anteriormente. Assim, por desinteresse reciproco, chegam ao fim os amores de Brás e Virgília. Quincas Borba, o mendigo, reaparece e lhe restitui o relógio, passando a ser um freqüentador da casa de Brás.

Quincas Borba estava mudado: não era mais mendigo, recebera uma herança de um tio em Barbacena. Virara filósofo: havia inventado urna nova teoria filosófico-religiosa, o Humanitismo, e não falava noutra coisa. 0 próprio Brás Cubas passa a interessar-se muito pelas teorias de Quincas Borba. Morre, por esse tempo, o Lobo Neves, e Virgilia "chorou com sinceridade o marido, como o havia traído com sinceridade". Também vem a falecer Quincas, Borba, que havia enlouquecido completamente. Brás Cubas deixou este mundo pouco depois de Quincas Borba, por causa de urna moléstia que apanhara quando tratava de um invento seu, denominado " emplasto Brás Cubas".

E o livro conclui:

"*Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*".

Fato narrativo em primeira pessoa; posição trans-temporal, a narrativa acompanha os vaivéns da memória do narrador defunto.

Quebra da unidade estrutural da narrativa: - forma livre, estrutura fragmentada, ausência de um fio lógico e ausência de um conflito central.

Drama da irremediável tolice humana. Brás Cubas tudo tentou e nada deixou. A vida moral e afetiva é superada pela biologicamente satisfeita. Acomodação cínica ao erro, ou melhor, a justificação moral interior racionalizada. Pessimismo (influência de Sterne, Schopenhauer, Darwin e Voltaire).

Segundo o Professor Alfredo Bosi :

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" opera um salto qualitativo na Literatura Brasileira. "A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. 0 que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

Quincas Borba

Quincas Borba é um filósofo-doido. Mais na segunda que na primeira parte. Criou uma filosofia: Humanitas. "Humanitas" é o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... Pois essa substância, esse principio indestrutível é que é Humanitas... " Uma guerra: duas tribos que se encontram, frente a frente, perto de uma plantação de batatas que só darão para sustentar uma delas. É a luta pelas batatas. Pela sobrevivência. A tribo que vence, ganha as batatas. "Ao vencedor, as batatas". Filosofia e sandice condimentam as lições de Quincas Borba.

0 filósofo tinha um cão: Quincas Borba. Pusera nele o seu próprio nome. Afinal Humanitas era comum para ele e para o cão. E não só: se morresse antes sobreviveria o oâo. Um cão, meio tamanho, cor de chumbo, malhado de preto. Um filósofo assim tinha que acabar em... Barbacena. AI conheceu a Piedade, viúva de parcos meios, Era irmã de Rubião. Não se casou com o herdeiro. Rubião foi o melhor amigo e enfermeiro do filósofo.

Quando Quincas Borba morreu, numa incurável semidemência, na casa de Brás Cubas, no Rio, Rubião ficou rico, herdeiro universal do falecido filósofo. Herdeiro de tudo. Depois em breve pendência recebeu: casa na Corte, uma em Barcelona, escravos, ações no Banco do Brasil e muitas outras, jóias, dinheiro, livros, a filosofia do morto e o seu cão Quincas Borba. A cláusula única do testamento era tratar bem o cão.

0 novo-rico muda-se para a Corte. Fica conhecendo o casal Palha e Sofia. E o pobre mestre-escola fica apaixonado por ela. Que olhos, que ombros, que braços!... Vinte e seis anos... Cada aniversário era um novo polimento dado pelo tempo. É bonita, sabe que é, e sabe mostrar-se. 0 marido gostava de mostrá-la a todos: vejam o que são as minhas e de se mostrar . E Sofia aprendeu logo e bem a arte se mostrar. Sofia seduz Rubião. Engana-o... Busca o dinheiro. Ganha presentes riquíssimos. O marido funda até a sociedade Palha e Cia.

É o dinheiro de Rubião que vai correndo. Muito depressa. A Sofia tem lá os seus desejos escondidos para com o galanteador Carlos Maria, Pobre Rubião! 0 dinheiro acabando, os amigos vão minguando, e a loucura vai chegando. Rubião passa pelas ruas aos gritos dos moleques (0 gira, ó gira...) certo que é Napoleão III . Metem-no num Sanatório. Rubião foge do sanatório do Rio e vai para Barbacena. Lá morre. E três dias depois encontraram o cão Quincas Borba, também morto, numa rua.

É o fim? Leitor: "eia, chora os dois recentes, se tens lágrimas.Se so tens risos, ri-te. É a mesma coisa. É outra crônica de fraquezas e misérias morais, concluída com uma filosofia desencantada, a filosofia do Humanitas: "Ao vencedoras batatas"... Uma súbita fortuna, uma paixão

adúltera, ambições políticas acabam levando Rubião à loucura. Ele, que antes era um humilde mestre-escola, ingênuo e puro, envolve-se em um novo mundo, violento e agressivo. A fraqueza o destrói.

Narrado em 3a Pessoa. É o mais objetivo dos Romances de Machado. Análise psicológica de um homem Pobre que subitamente fica rico e a fortuna arrasta-o à loucura. E só a loucura salva Rubião do destino vulgar de vaidoso rico, explorado pelos que o cercam.

O Humanitismo:

"Ao vencedor, as batatas", pode ser interpretado como uma paródia irônica ao positivismo e evolucionismo. Posições filosóficas dominantes na segunda metade do século XIX-. É uma caricatura do princípio da evolução e da seleção natural que, na época, saíam do campo da biologia para impregnar a filosofia.

DOM CASMURRO

A própria personagem central, Bentinho, é que conta a sua história. Pincipia dizendo que está morando, sozinho, auxiliado por um criado, no Engenho Novo (Rio de Janeiro), em uma casa que ele mandara construir igual àquela em que passara a infância, em Matacavalos. Como vive isolado, os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro, apelido que pegara. A história principia quando Bentinho já está com quinze anos e sua amiga de infância, Capitu, com quatorze.

Os dois crescem juntos e se estimam sinceramente. Dona Glória, mãe de Bentinho, viúva, tendo sido infeliz no primeiro parto, fizera a Deus uma promessa, se fosse bem sucedida no segundo parto, o filho seria religioso (padre ou freira, conforme o sexo) – Por isso, estava disposta a cumprir a promessa: Bentinho iria para o seminário.

À medida que o tempo passa e que a amizade de Bentinho e Capitu se transforma em namoro sério e apaixonado, a idéia do seminário vai-se tornando um grave problema para os dois, que buscam todas as maneiras de evitá-lo. Justina, prima de Dona Glória, que vivia em Casa desta, e a quem

Bentinho suplica que interceda com a mãe em seu favor, se nega. José Dias, velho empregado da casa, muito estimado, diz que o problema não é fácil, pois o melhor é, antes, “aplainar o caminho”. 0 próprio Bentinho, de índole tímida, tenta falar com a mãe, mas nem sequer consegue dizer-lhe o que quer. Capitu, e Bentinho perdem as esperanças de evitar o seminário. De qualquer modo, amando-se sinceramente, juram que, aconteça o que acontecer, se casarão. Bentinho irá para o seminário, mas ficará apenas algum tempo. Depois sairá e serão felizes.

No seminário, Bentinho trava conhecimento com Escobar, que se toma seu amigo e confidente. A vida agora transcorre entre os estudos eclesiásticos e as visitas semanais à sua casa. Escobar em conversa com bentinho, tem uma idéia: Dona Glória, rica que é, poderia cumprir a promessa de outro modo, isto é, custeando as despesas de um seminarista pobre, ficando Bentinho livre do seminário. A idéia vinga e Bentinho retoma à casa. Anos depois, já formado em Direito, casa-se com Capitu e começam uma vida repleta de felicidades. E essa felicidade ainda se torna maior quando Escobar, que também saíra do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

As duas famílias visitam-se freqüentemente. Escobar e Sancha têm uma filha, à qual dão o nome de Capitolina (Capitu). A única tristeza (se é que se pode chamar tristeza) é não terem, Bentinho e Capitu, um filho. Por isso, fazem promessas e rezam continuamente. E o filho vem: um menino, a alegria dos pais. Chama-se Ezequiel. Escobar vem morar mais próximo de Bentinho e Capitu. Certo dia, Escobar se aventura nadando pelo mar agitado e morre afogado. Sancha retira-se para o Paraná, onde possuía parentes.

E a vida continua, feliz. Só uma coisa principia a preocupar cada vez mais seriamente a Bentinho: Ezequiel, à medida que vai crescendo, vai-se tornando uni retrato vivo do falecido amigo. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo andar, até os mesmos tiques. A dúvida atormenta Bentinho, e uma infinidade de pequenas coisas que no passado haviam passado despercebidas começam a avolumar-se confirmando as suspeitas: Capitu o traíra. Um dia explode com Capitu, que não consegue

encontrar meios de escusar-se. Pelo contrário, suas desculpas confirmam definitivamente a culpa. Bentinho leva a esposa adúltera? E o filho de Escobar para a Suíça, onde deles se separa. Tempos depois Capitu vem a falecer. Ezequiel, já moço, surge em casa de Bentinho: tornara-se a cópia do pai. Ezequiel não pára no Brasil e, participando de uma excursão no Oriente, também morre.

É o término do livro. Conclui Machado de Assis: "A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos, também quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. A terra lhes seja leve"!

Narrado na primeira pessoa, Bentinho (D. Casmurro), propõe-se a "ATAR AS DUAS PONTAS DA VIDA". Ao evocar o passado, a personagem – narrador coloca-se num ângulo neutro de visão. Dessa maneira, pode repassar, sem contaminá-los, episódios e situações, atitudes e reações, acompanhadas apenas da carga emocional correspondente ao impacto do momento da ocorrência. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstituição do passado o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma temos uma dupla visão da experiência, reconstituída em termos de exposição e de análise. A visão esfumaçada do adultério é um dos requintes do "Bruxo do Cosme Velho" (Machado). Parece inspirado no drama de Otelo, de Shakespeare.

CAPITU: "olhos de ressaca", "cigana oblíqua e dissimulada" é a mais forte criação de Machado. Com inalterada frieza e racionalidade calculada vai tecendo o seu destino e também o dos outros.

ESAÚ E JACÓ

É a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade, que desde o nascimento dos meninos só pensa num futuro cheio de glória para eles. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de

brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance.

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum- dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o conselheiro Aires a dizer que ela era "inexplicável". 0 conselheiro é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois. Que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro, com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito da mãe agonizante.

Narrado em terceira pessoa pelo o Conselheiro Aires. Há referências à situação política do Pais, na transição Império/República. É marcado pela ambigüidade e contradição. Pedro e Paulo são "os dois lados da verdade".

MEMORIAL DE AIRES

Este é o último romance do autor. Aqui, dois idílios são narrados paralelamente, ao longo das memórias do conselheiro Aires, personagem surgido em Esaú e Jacó: o do casal Aguiar e o da viúva Fidéfia com Tristão. Trata-se de um livro concebido em tom íntimo e delicado, às vezes repleto de melancolia. Nele Machado de Assis pôs muito dos últimos anos de sua vida com Carolina, falecida quatro anos antes da publicação. Não há muito que contar, senão pequenos fatos da vida cotidiana de um casal de velhos. 0 estilo é de extrema sobriedade, e o autor, já na velhice,

pretendeu com este livro prestar um depoimento em favor da vida, ainda que em tom de mal disfarçada tristeza e até mesmo desolação.

Memorial de Aires (1908) opera um verdadeiro retrocesso na obra machadiana. Nele o romancista retorna à concepção romântica, mitigada pelo ceticismo risonho do conselheiro Aires. Ai se respira a mesma atmosfera dos seus primeiros romances: os seres são de eleição e a vida gira em torno do amor. Distingue-o, porém, e torna-a muito superior àqueles a mestria do ofício, o domínio do instrumento.

Como novidade, traz a forma de diário e o narrador não é onisciente; observa como simples comparsa os personagens principais, procura adivinhar-lhes o íntimo através de suposições próprias ou através de informações alheias – a dar alguma idéia do processo de Henry James, este, entretanto, muito outro, com outras intenções e de outra tessitura.

******